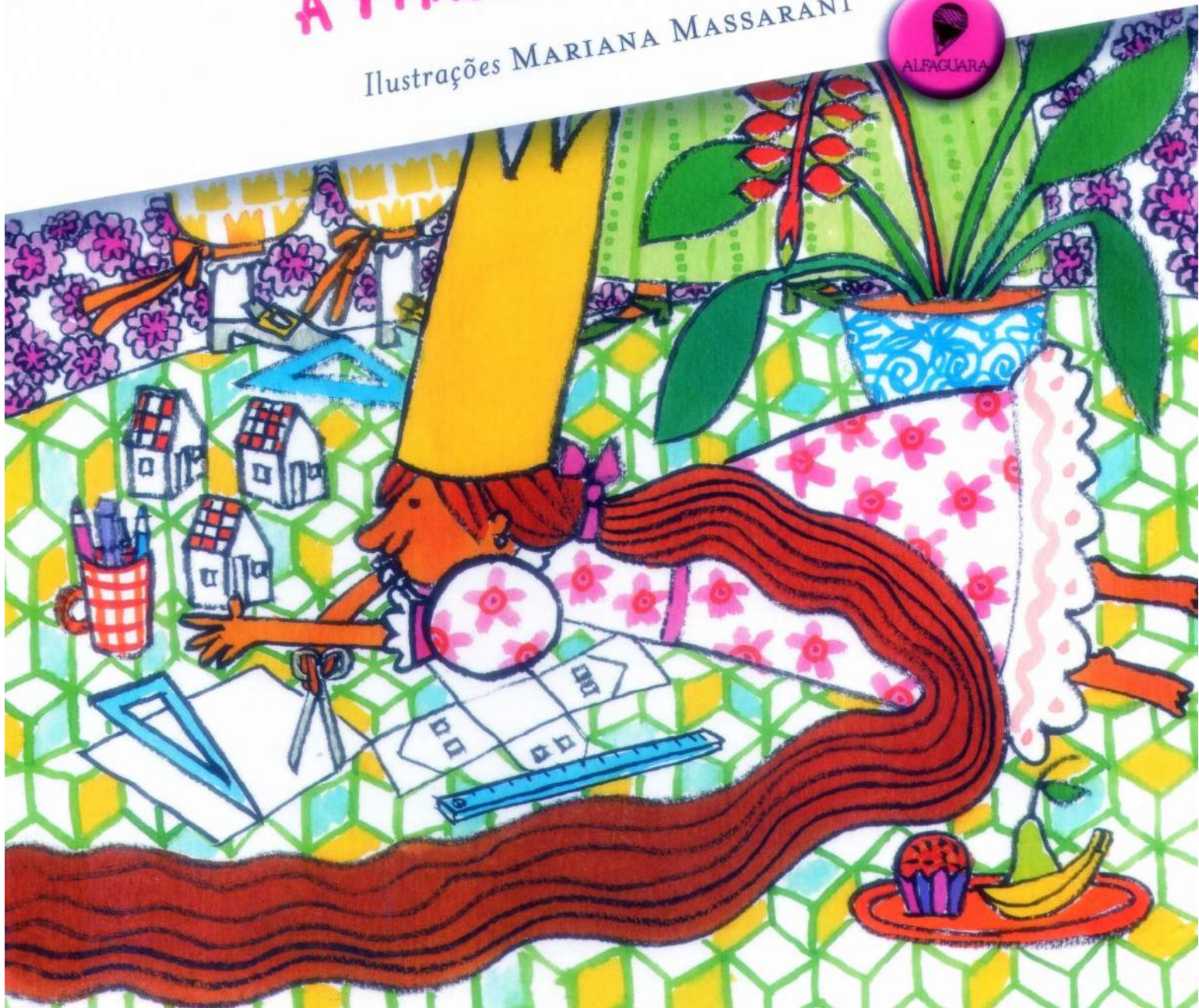


# Ana Maria Machado

## A Princesa que Escolhia

Ilustrações MARIANA MASSARANI







# A Princesa que Escolhia

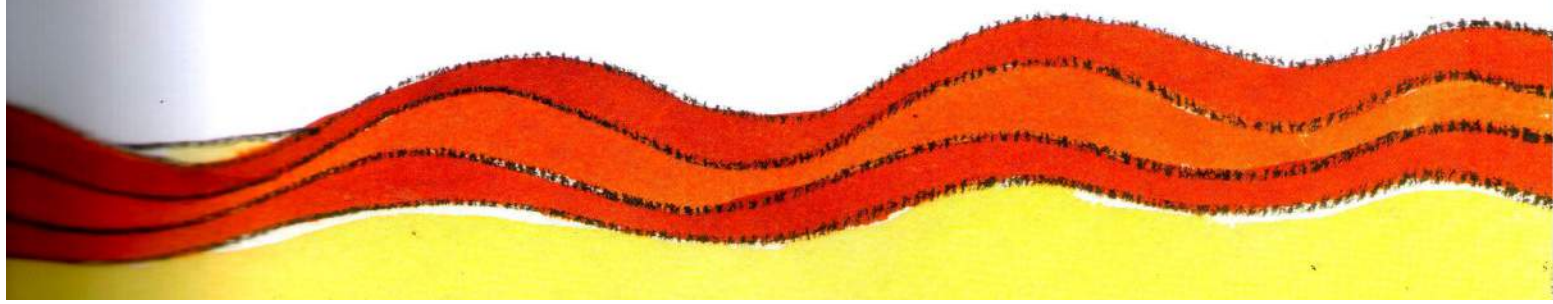




Ana Maria Machado

A Princesa  
que Escolhia

*Ilustrações* MARIANA MASSARANI



Copyright © 2006, 2012 by Ana Maria Machado  
Ilustrações © 2012 by Mariana Medeiros Massarani

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA OBJETIVA LTDA.  
Rua Cosme Velho, 103  
Rio de Janeiro, RJ – CEP: 22241-090  
Tel.: (21) 2199-7824 – Fax: (21) 2199-7825

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida,  
armazenada ou transmitida de alguma forma ou por algum  
meio, seja eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia,  
gravação ou qualquer sistema de armazenagem de informações  
sem a permissão expressa e por escrito da editora.

Coordenação editorial  
DANIELA DUARTE

Capa e projeto gráfico de miolo  
SILVANA MATTIEVICH

Produção gráfica  
MARCELO XAVIER

Revisão  
FATIMA FADEL  
DAYANA SANTOS

Impressão  
LIS GRÁFICA

 **SANTILLANA**



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M129j

Machado, Ana Maria

A princesa que escolhia / Ana Maria Machado ; ilustrações Mariana Massarani. -  
Rio de Janeiro : Objetiva, 2012.  
il.

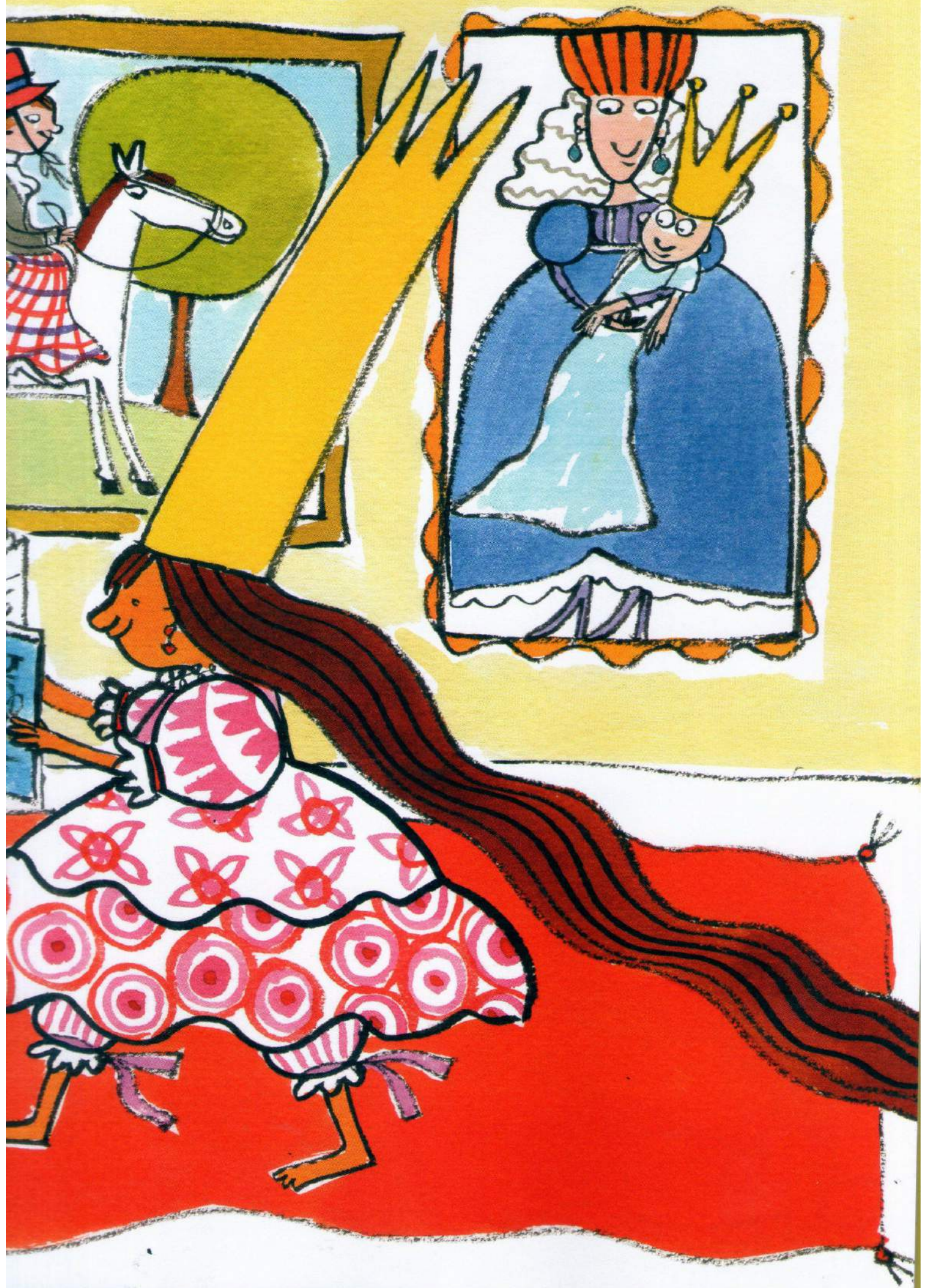
4op. : il. ISBN 978-85-7962-134-5

1. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Massarani, Mariana. II. Título.

12-2451.

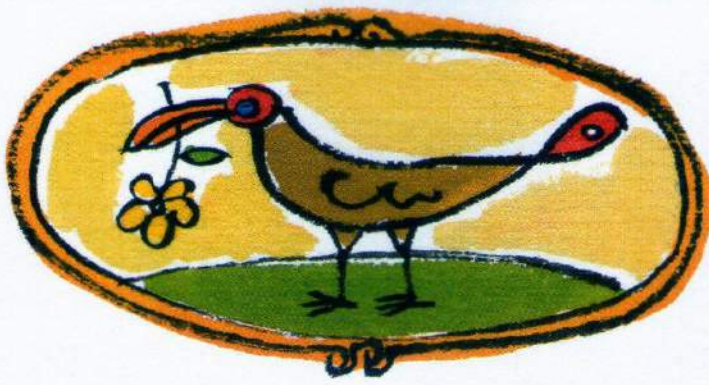
CDD: 028.5

CDU: 087.5









Era uma vez uma princesa muito boazinha e bem-comportada. Boazinha até demais, sabe? Obedecia a tudo. Concordava com todos. Uma verdadeira maria vai com as outras.

Parecia até que só sabia dizer:

— Sim, senhor.

Ou então:

— Sim, senhora.

Dependendo de quem mandava.

Ainda bem que isso não durou muito, porque senão a gente não ia ter história. Ou só ia ter uma história muito chata, sem graça nenhuma.



Mas a sorte é que um dia ela disse:

— Desculpe, mas acho que não.

Todo mundo se espantou muito.

A mãe, que também era boazinha demais, quase desmaiou de susto.

O pai dela, que era todo metido a mandachuva, ficou furioso. Ele era do tipo que achava que príncipe serve para andar a cavalo, enfrentar gigantes e matar dragões, mas que princesa só serve para ficar aprendendo a ser linda e boazinha, enquanto seu príncipe não vem. Então resolveu botar a princesinha de castigo.

— Vai ficar trancada na torre! Só sai de lá quando voltar a ser boazinha.







Foi a maior sorte da vida da princesa. Porque essa torre ficava bem isolada do resto do castelo. Na verdade, eram os antigos aposentos de um mago que saíra para viajar e nunca mais voltou. Tinha uma biblioteca aonde quase ninguém ia. E dava para um jardim fechado por um muro alto, onde quase ninguém entrava.

De castigo na torre, a princesa foi se distraindo como podia.

Olhava muito pela janela. Uma maravilha. Viu que a paisagem se estendia até perder de vista, muito além das muralhas do castelo onde sempre vivera fechada. Lá de cima, ela descobria que o mundo era muito maior do que imaginava. Agora via aldeias, montanhas, vales, bosques e até o mar, ao longe, com navios velejando.



Mas a princesinha não ficava só olhando pela janela.

Também brincava muito pelo jardim. Outra maravilha.

Ficou conhecendo flores e passarinhos, borboletas e abelhas, árvores e minhocas. De vez em quando conversava com o jardineiro real que cuidava dos canteiros e ensinava a ela os segredos das plantas. Melhor ainda: a princesa fez amizade com os filhos dele, um menino e uma menina, com quem subia em árvores, brincava de pique e pescava no laguinho. Depois, quando estavam todos bem cansados, muitas vezes a mãe das crianças chamava:

— Hora do lanche!

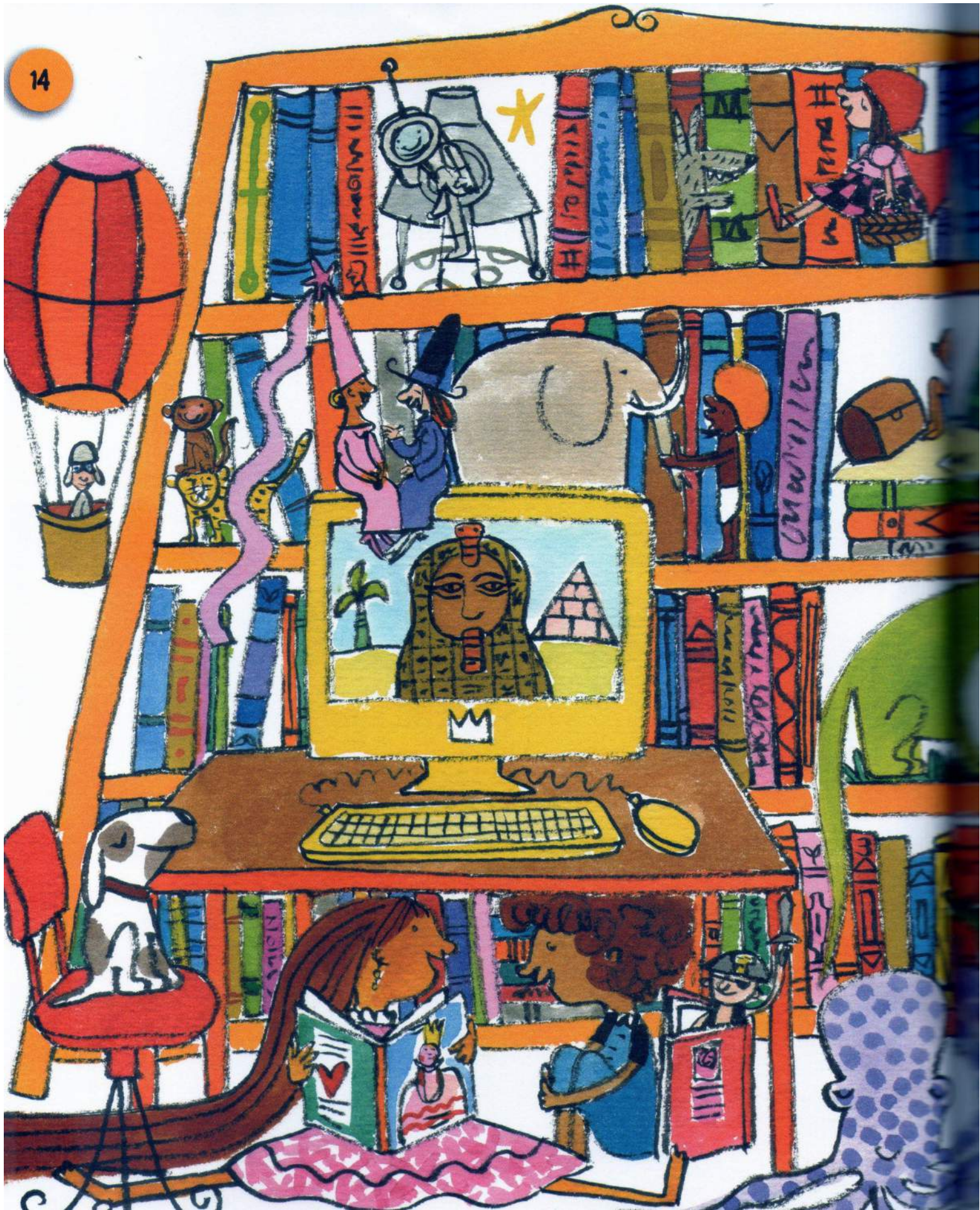
Iam todos tomar café com leite e comer bolo de milho ou de aipim. A princesa também.

Depois, a mulher do jardineiro mandava todo mundo tomar banho e mudar a roupa. E deixava que eles ficassem vendo televisão.

A princesinha adorava.









Mas a princesa não ficava só olhando pela janela e brincando com os amigos. Também ia muito às salas da biblioteca do mago. A maior das maravilhas. Tinha um monte de livros e computador com acesso à internet. E ela lia, lia, sem parar.

Tinha histórias de encantos e perigos, de reis e princesas, de magos e inimigos, de bichos e riquezas. De monstros e horrores, de lobo na floresta, de bailes e amores, de povo dançando em festa. De cavaleiros e dragões, de fadas e feiticeiras, de gigantes e anões, de múmias e caveiras. De naufrágios e tesouros, de caravanas no deserto, de palhaços e besouros, de fada madrinha por perto.

Ela lia, lia, emprestava livro para os amigos. Adoravam conversar sobre o que tinham lido. E cada um ficava cada vez mais sabido.



Os empregados do castelo, que vinham todo dia trazer a comida dela e arrumar a torre, também se distraíam muito com as conversas da princesa. Ouviam histórias que ela tinha lido, contavam as novidades do reino.

De vez em quando, a rainha vinha e perguntava:

— Como é, minha filha? Vai tomar jeito? Resolveu ser boazinha e dizer sempre que sim?

— Ai, minha mãe! — suspirava a princesa. — Não dá, mesmo. Eu quero é poder escolher sempre.

— Escolher? Como assim?

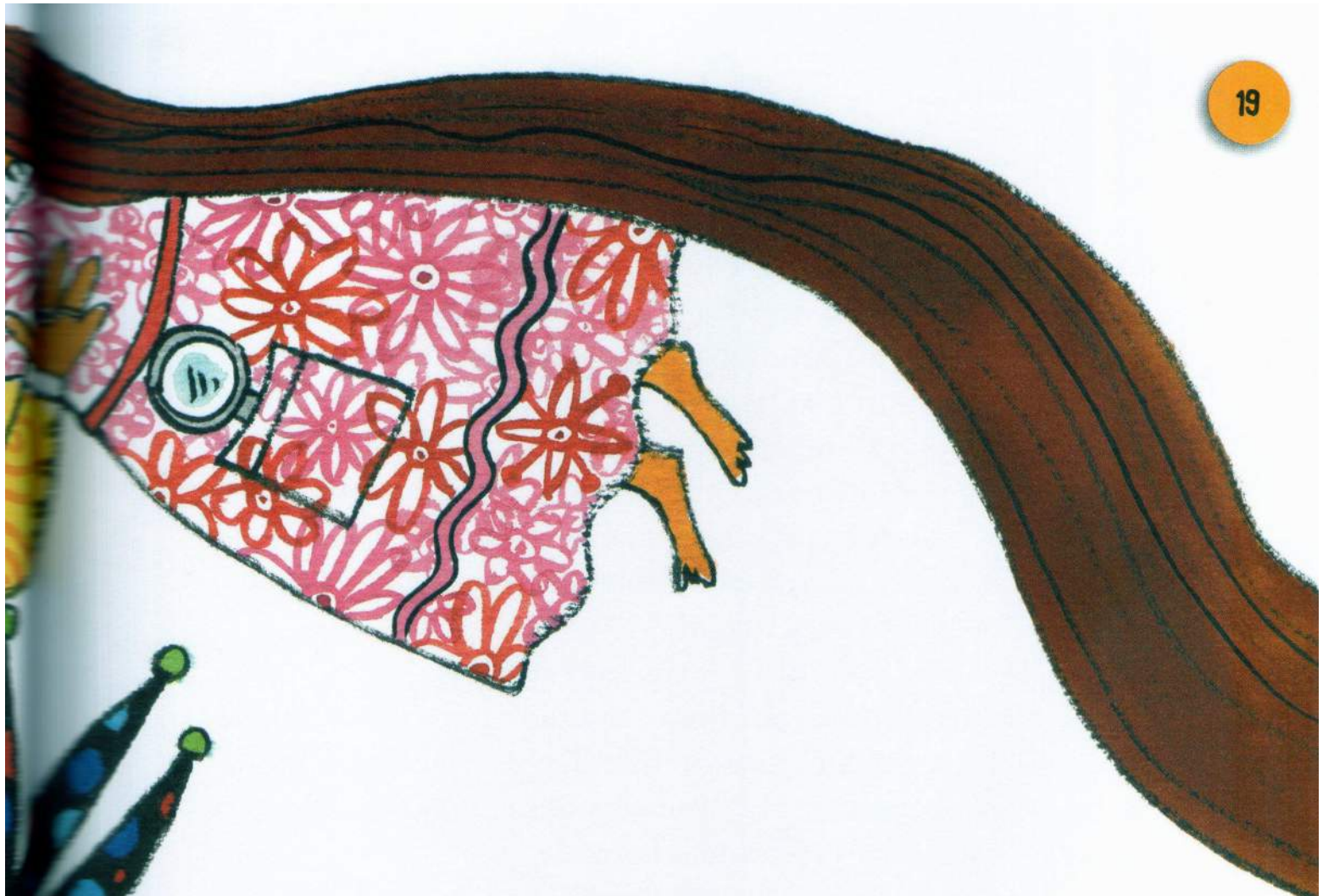
— Só quando a gente pode dizer não é que tem graça dizer sim.

Um dia, a princesa ouviu no noticiário da televisão que estava havendo no reino uma epidemia de uma doença, e o rei estava preocupado.









Resolveu mandar um recado para ele pela copeira:  
— Diga ao meu pai que eu sei de um jeito para essa doença.  
Foi bom, porque então o rei veio com a rainha visitar a princesa. Ele era mandão e teimoso, mas gostava da filha e estava com muita saudade dela. Só não tirava logo a princesa da torre porque não queria dar o braço a torcer. Mas aproveitou o pretexto e veio logo.

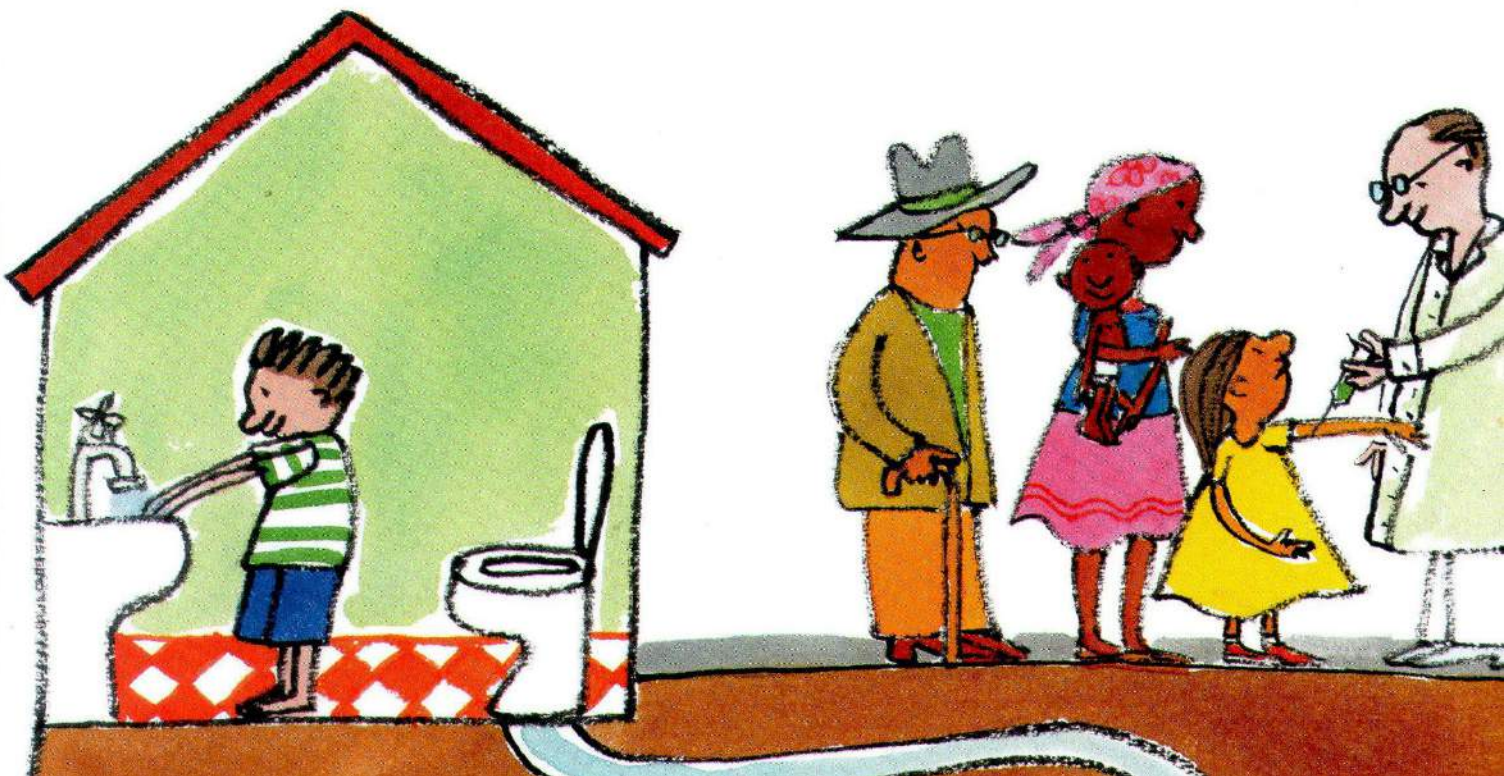
Chegou com um jeito todo importante:  
— Eu soube que você tem alguma coisa a me dizer sobre a doença que assola o reino. O que é?  
— Mosquito! — disse a menina.

O rei ficou espantadíssimo.

Mas a princesinha desatou a falar. Contou que aquela febre era transmitida por um mosquito, que as larvas do inseto nasciam na água, que era preciso fazer uma campanha de saneamento e ensinar uma porção de coisas à população. Explicou também que o reino precisava de obras para ter esgoto e água limpa em todas as casas. E que as pessoas deviam se vacinar. E que havia um cientista famoso que conhecia tudo daquela doença, podiam contratá-lo para ajudar.

— De onde você tirou essa ideia, menina?


— De muitos lugares. Umhas coisas eu li nuns livros, outras eu li em outros. E a notícia do trabalho do cientista é muito nova, eu vi na internet. Ele trabalha numa universidade, e o senhor pode entrar em contato com ele.











O rei seguiu aqueles conselhos e deu tudo certo. Ele ficou tão contente que tirou a princesa do castigo. Deixou que ela saísse da torre e ela passou a só ir lá quando queria, para brincar com os amigos ou ir à biblioteca.

— A gente podia também dar um prêmio a ela — sugeriu a rainha.

— Boa ideia! — disse ele.

Mandou chamar a filha e perguntou se ela não queria uma boa recompensa, algo assim como uma coroa nova.

— Ótimo! Eu quero escolher — disse ela.


— Perfeito! Seu desejo será atendido. Vamos à joalheria.

— Para quê?

— Para você escolher a coroa nova.

— E eu lá preciso de coroa nova?

Então descobriram que o que ela queria de recompensa era poder escolher. Escolher tudo. Poder dizer sim ou não, sempre. Poder apontar o que preferia, poder decidir. Não era bem nisso que o rei tinha pensado, mas já tinha dito que atenderia ao desejo dela. E palavra de rei não volta atrás.

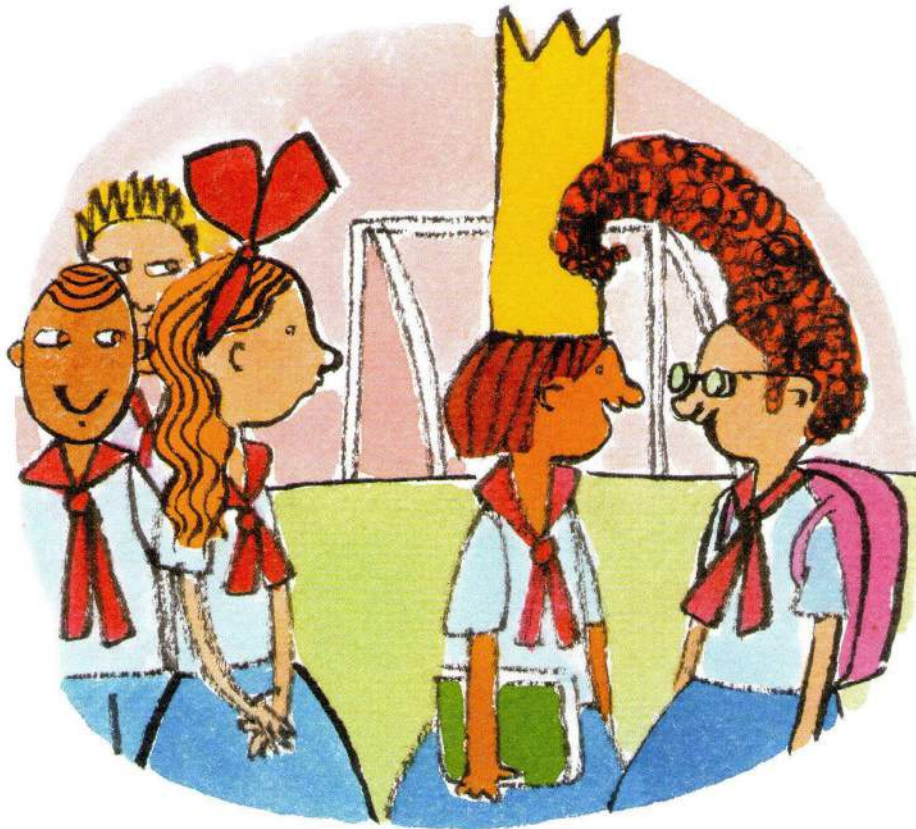


A partir desse dia, a princesa passou a escolher. Começou logo escolhendo uma coisa importante: ia dispensar os preceptores e estudar numa escola com montes de colegas.

Escolhia a roupa que ia vestir, a comida de que gostava, o filme a que ia assistir. Às vezes, quando as escolhas dela não combinavam com as dos outros, era preciso chegar a um acordo: um dia viam um jogo de futebol como o pai queria, outro dia o desenho animado dela, outro dia a novela da mãe. Ou combinavam os horários em que cada um via televisão.

Mas em geral ia dando certo.





Quando no colégio uns amigos começaram a fumar e ofereceram a ela, a princesa disse:

— Não, não quero.

— Experimenta, deixa de ser boba. Que é que tem? Todo mundo fuma...

Mas ela já tinha a maior prática:

— Não, não quero. Não preciso ser igual a todo mundo.

Ou quando resolveram que ninguém ia falar com uma colega nova, que tinha vindo de outro colégio e era meio esquisita, ela disse:

— Pois eu vou!

Foi mesmo. A esquisitice da outra era só diferença mesmo. Acabaram ficando muito amigas.



O tempo foi passando e a princesa foi crescendo.

Um dia, o rei e a rainha acharam que estava na hora de a filha casar. Resolveram dar um baile enorme e convidar os mais lindos príncipes, de toda parte. Mandaram arautos anunciar a festa pela cidade toda, enviaram convites para os países próximos e os reinos distantes.

— Assim você vai poder escolher seu marido... — disse a rainha, toda satisfeita.

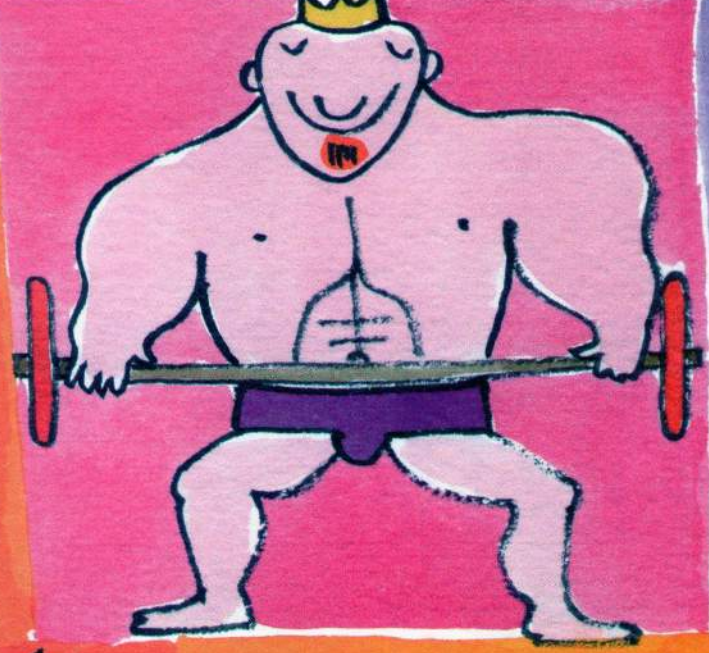
— Isso mesmo — disse o rei. — Viu como eu sou moderno? Eu deixo você escolher.

— Deixa mesmo?

— Pois eu não acabei de dizer? E palavra de rei...

— Já sei — interrompeu ela. — Não volta atrás.





No dia do baile, foi muito divertido. A princesa tinha convidado um monte de amigos e amigas, do jardim e do colégio. Gente esquisita e gente sem esquisitice. Gente mais rica e gente mais pobre. Gente feia e gente bonita. Todos dançaram e se divertiram muito.

E também vieram muitos príncipes. Uns mais bonitos, outros menos. Uns interessantes, outros meio chatos.

Muito educada, a princesa conversou com todos, ouviu o que eles diziam, respondeu com atenção. Foi encantadora. E eles ficaram encantados com aquela princesa tão linda e inteligente, tão educada, com tanto assunto.

Muitos ficaram depois suspirando e pensando nela.

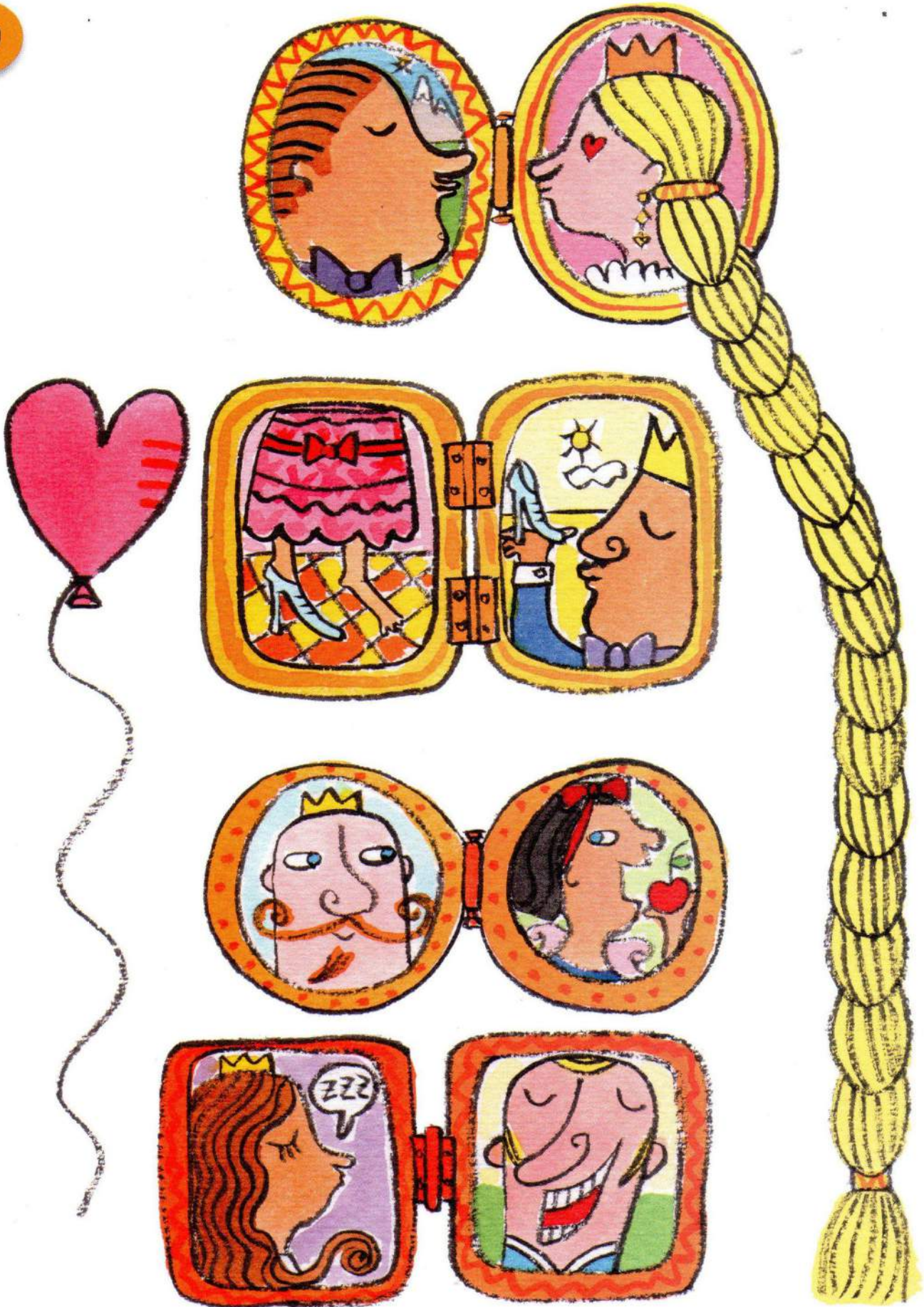




Daí a alguns dias foi um tal de aparecer príncipe no palácio como nunca se viu em lugar nenhum. Vinham pedir a princesa em casamento. Ou mandavam ministros, conselheiros e grão-duques fazer o pedido. Algumas vezes, chegou até a ter fila.

E a princesa?

Escolhia.





O primeiro era todo esportivo, gostava de escalar montanhas e subir em paredes. Não era um marido que a princesa quisesse escolher. Ela lembrou de uns livros que tinha lido e sugeriu:

— Sabe aquele deserto assim naquele lugar assim assado? Pois lá tem uma torre enorme, com umas tranças penduradas, ótimas de escalar.

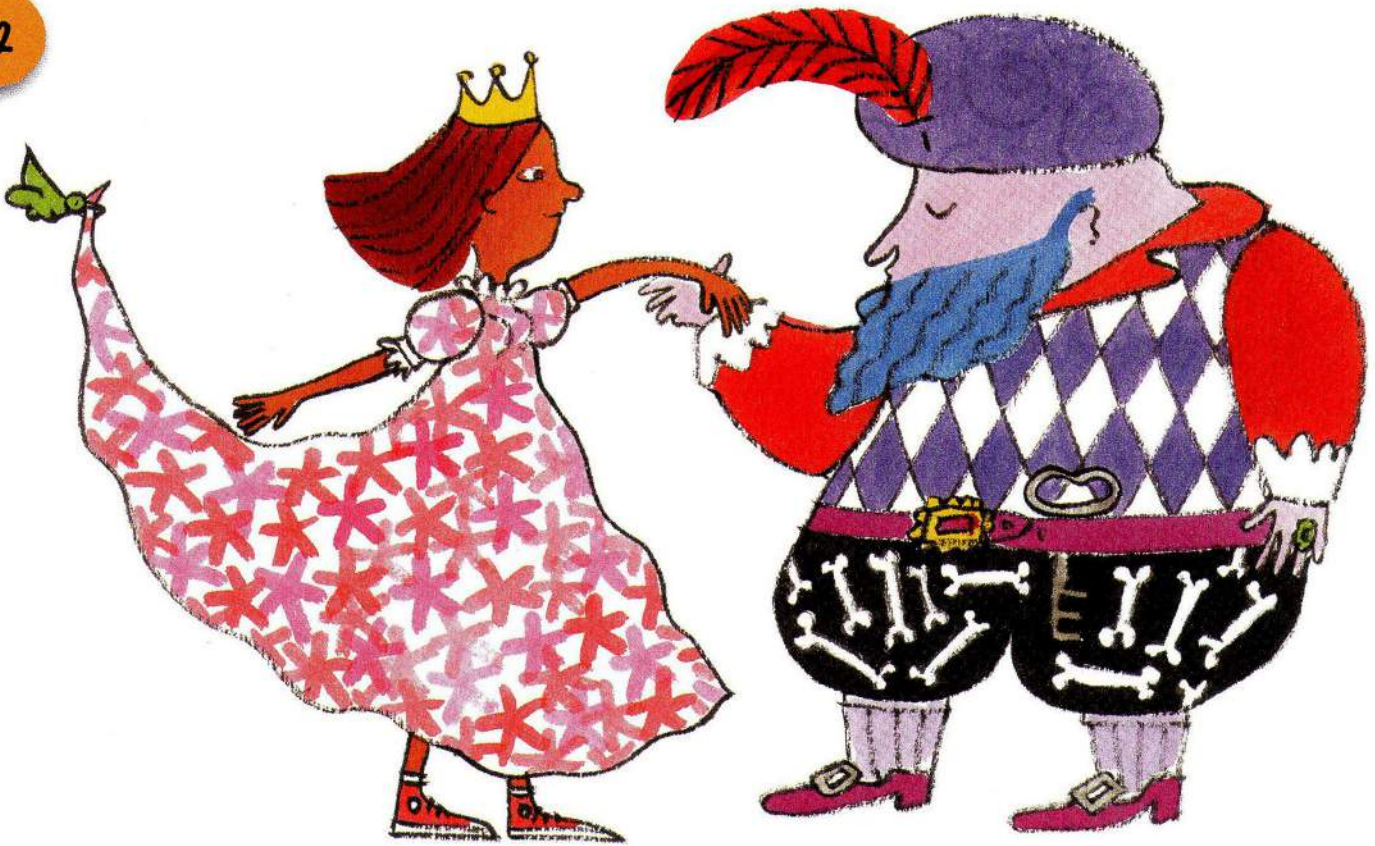
O príncipe seguiu o conselho, foi lá, e daí a pouco tempo estava casado com uma tal de Rapunzel.

O segundo pretendente conversava muito sobre criação de gado, fabricação de couro e exportação de calçados. Ela achou que ele devia ser bom para experimentar sapatinhos e escolheu uma boa noiva para ele. E daí a pouco tempo estava casado com uma tal de Cinderela.

O terceiro ficava logo íntimo, contava piadas, dava palmadinhas nas costas dos ministros. A princesa achou que ele devia ser ótimo para desengasgar quem estivesse com maçãs entaladas e escolheu a noiva dele.

Deu certo, porque em poucos meses ele estava casado com uma tal de Branca de Neve.

Outro falava alto, barulhento... era o marido ideal para outra princesa, coitada, que esperava havia tantos anos, esquecida de todos, dentro de um bosque cheio de espinhos. E foi assim que ele saiu e casou com uma tal de Bela Adormecida.



Veio até um senhor mais velho, um príncipe muito distinto, com uma conversa toda melosa:

— Quando você se casar comigo, vai ter de tudo, ganhar presente todos os dias. Vamos morar num palácio maravilhoso, cheio de quartos. E vai poder entrar em todos. Quer dizer, quase todos. Tem um que não pode.

Ela olhou bem para a cara dele, com aquela barba azulada, pensou, lembrou de umas coisas que tinha lido... e chamou a polícia. Ainda bem. Porque encontraram um monte de esqueletos de mulheres no castelo do Barba Azul. No tal quarto onde ninguém podia entrar.

A princesa ficou horrorizada. Não quis brincar com uma coisa tão séria. Mas bem que pensou:

“Isso não era um príncipe, era um abismo, um *principício*.”



Mas noivo mesmo, para si própria, a princesa não escolhia. Nenhum era como ela queria.

— Assim não é possível! — disse o rei. — Você vai ter que escolher!

— Vocês prometem respeitar minha escolha? — perguntou ela.


E como o rei prometeu, ela explicou:

— Pois eu escolho não me casar agora. Ainda sou muito moça para isso. Quero fazer que nem o mago que morava lá na torre. Quero estudar muito, viajar muito, conhecer outros lugares e outras pessoas.


O pai tinha prometido, teve de aceitar. Pois foi isso mesmo que ela fez.







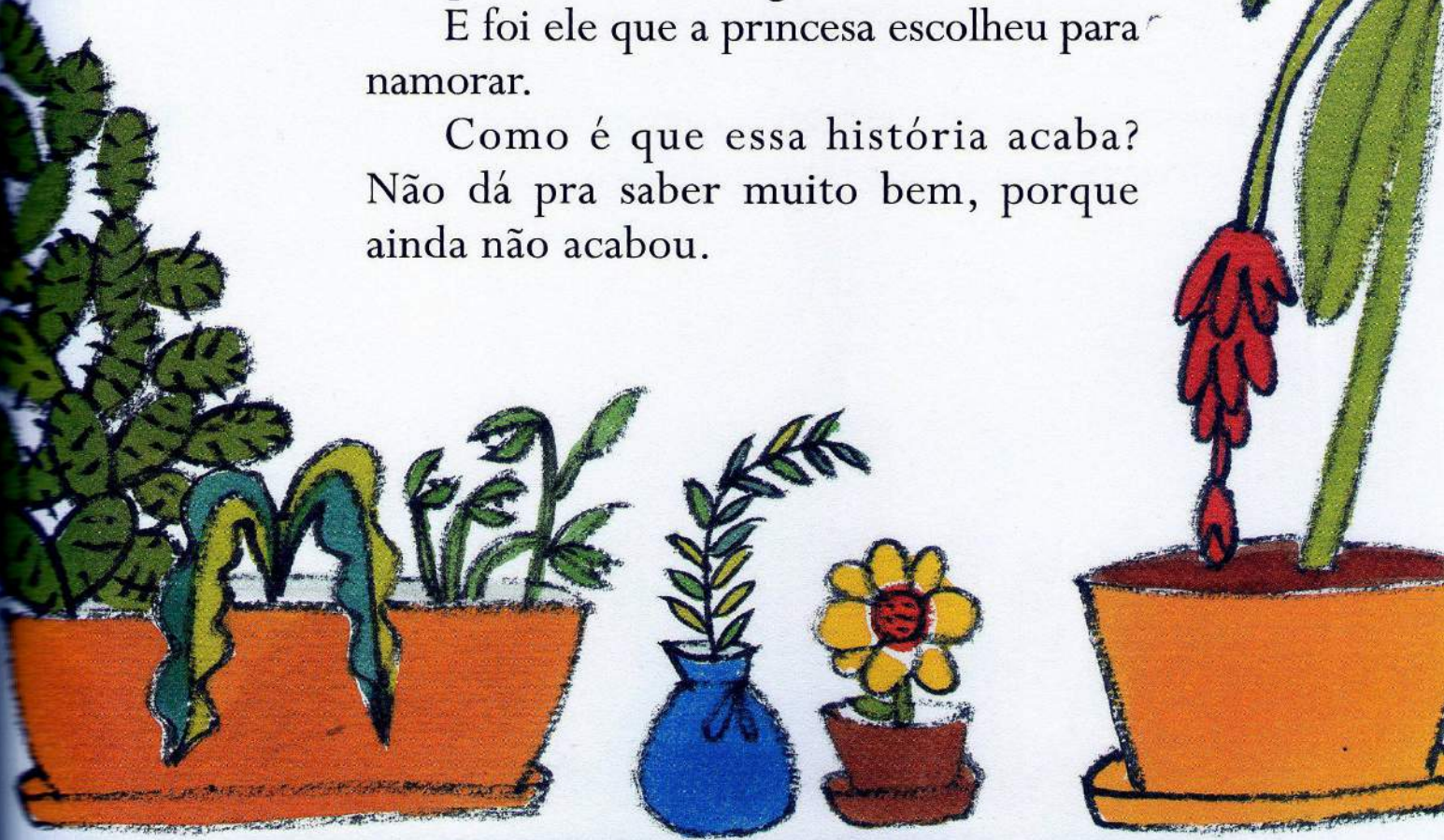
Estudou, viajou, aprendeu um monte de coisas. Foi para uma universidade e virou arquiteta. Depois, resolveu estudar ainda mais, umas coisas de nome comprido: urbanismo e habitação popular. Quer dizer, como fazer uma cidade funcionar melhor e como fazer casas baratas para as pessoas.



Um dia, encontrou numa reunião um arquiteto que fazia paisagismo: planejava jardins. Fazia muito tempo que os dois não se viam, mas logo se reconheceram: era o filho do jardineiro, amigo dela do tempo em que ficara de castigo na torre.

E foi ele que a princesa escolheu para namorar.

Como é que essa história acaba? Não dá pra saber muito bem, porque ainda não acabou.



Antes de acabar, ainda acontecem muitas coisas.

No reino, por exemplo. O rei morreu, e a princesa teve que ocupar o trono. Logo na sua primeira entrevista, tinha uma palavra enorme:

— Eu adoro escolher. Então quero que todo mundo também escolha. Por isso, proponho que este reino seja parlamentarista. Vamos fazer eleições.

— Eleições? Mas isto aqui é um reino... — estranharam os ministros.

— E daí? Os melhores reinos por este mundo afora são assim. Têm rei e rainha, mas também têm primeiro-ministro.

Para ter parlamentarismo, precisava ter parlamento. Quer dizer, deputados e senadores que o povo escolhia. E eles então escolhiam um primeiro-ministro, que era quem passava a mandar no país. E, se não estivessem satisfeitos com ele, a maioria podia mandar aquele sujeito para casa e escolher outro a qualquer momento. Podiam até resolver que não ia mais ser um reino nem ter rainha.

Mas para que tudo isso funcionasse direito, tinha que ter eleições. A hora de cada um escolher.

Então teve. E o reino ficou sendo assim.







E a princesa?

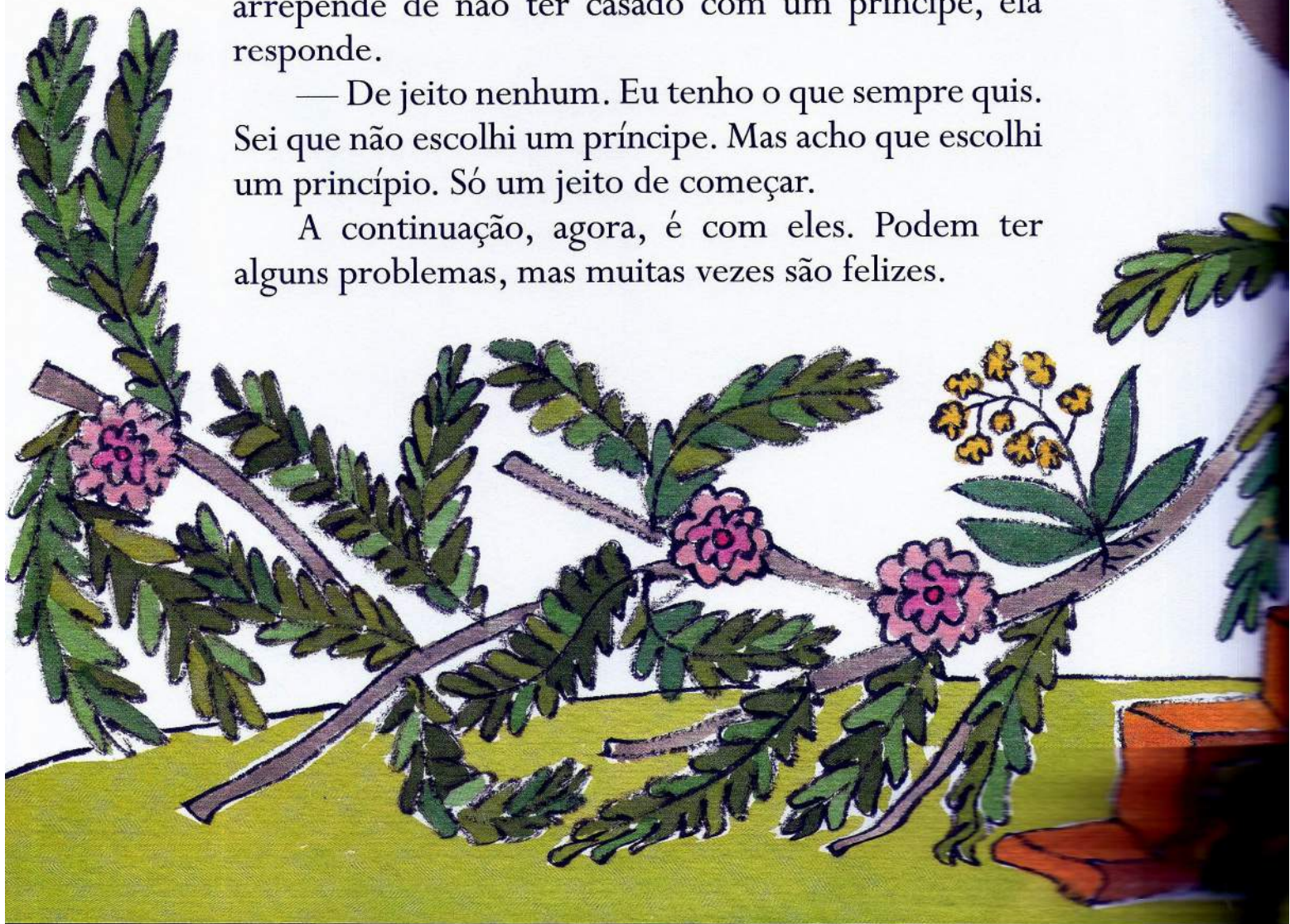
Nem sei se ainda vive por lá e se ainda manda alguma coisa. Sei que ainda está com o filho do jardineiro.

Também não sei se os dois viverão felizes para sempre. Mas posso garantir que estão muito felizes... É que os dois se escolhem a cada dia...

E quando alguém pergunta à princesa se ela se arrepende de não ter casado com um príncipe, ela responde.

— De jeito nenhum. Eu tenho o que sempre quis. Sei que não escolhi um príncipe. Mas acho que escolhi um princípio. Só um jeito de começar.

A continuação, agora, é com eles. Podem ter alguns problemas, mas muitas vezes são felizes.



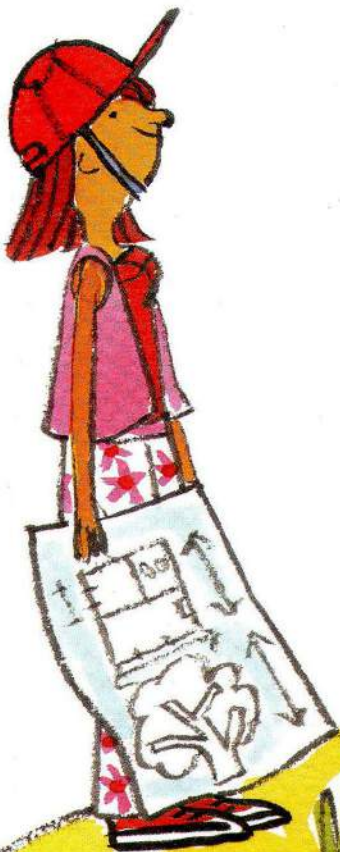


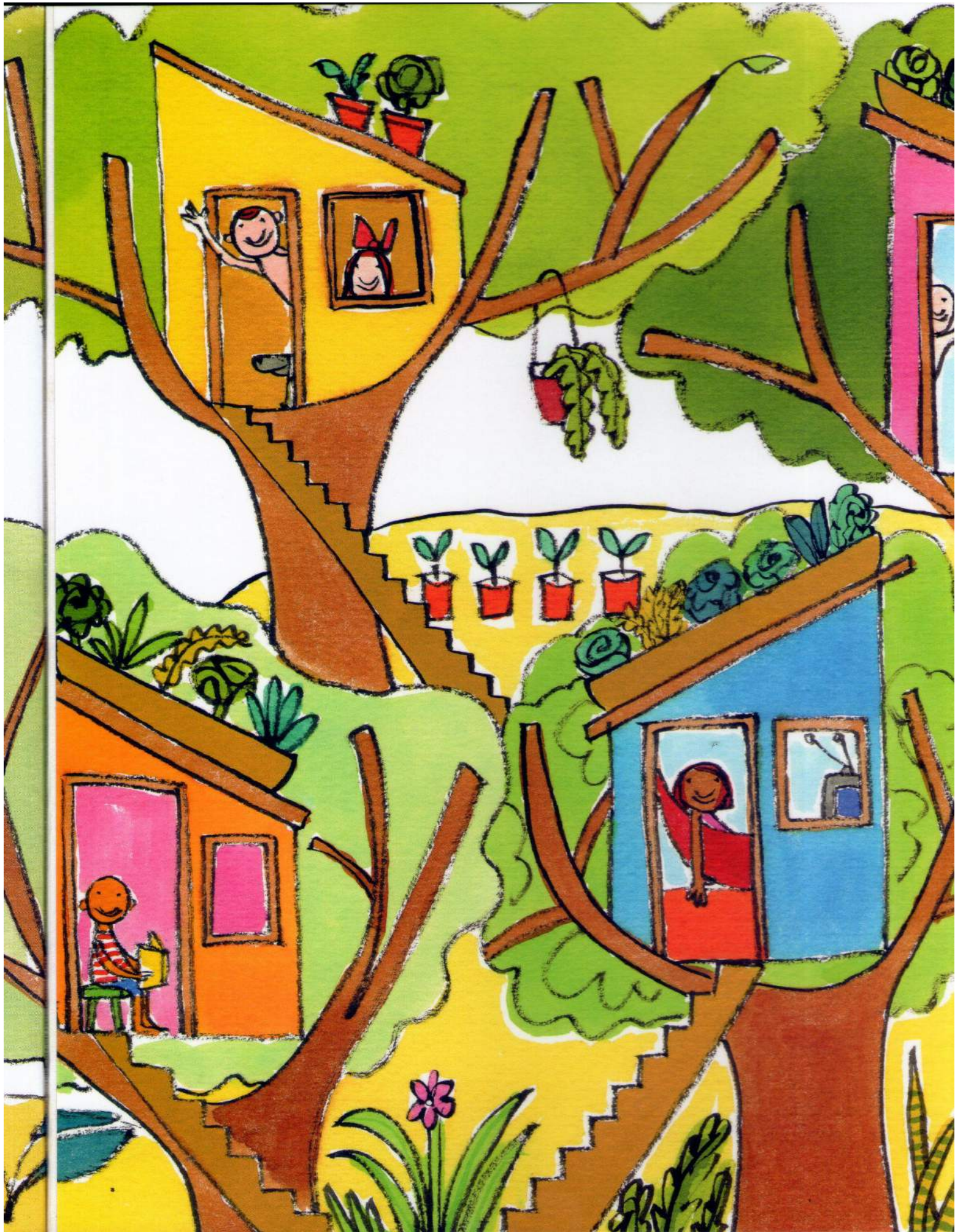


## Ana Maria Machado



A trajetória de Ana Maria Machado lembra as aventuras da princesa deste livro. Nascida e criada na cidade do Rio de Janeiro, desde cedo mostrou muita determinação e talento para a escrita. Com menos de 5 anos aprendeu a ler sozinha e aos 12 já publicava na revista *Folclore* seu primeiro texto. Depois, experimentou várias coisas. Estudou pintura com Aloísio Carvão, trabalhou como professora e jornalista e traduziu inúmeros textos, mas a literatura sempre ocupou espaço privilegiado em sua vida. Hoje, tem mais de cem livros publicados — e esse número só vem aumentando —, uma estante repleta de prêmios importantes e continua dedicada às questões de incentivo à leitura, viajando por todo o Brasil e exterior, fazendo reuniões e conferências sobre o assunto. Em 2003, foi eleita para a Academia Brasileira de Letras, e foi a primeira vez que uma autora com significativa obra para o público infantil conquistou um lugar entre os acadêmicos. Em 2012, assumiu a presidência da ABL.







Era uma vez uma princesa muito boazinha,  
muito bem-comportada, que vivia num lindo castelo.  
Um dia, a princesa disse “não”, e aí começa nossa história,  
pois o rei, que era metido a mandachuva, não gostou nada  
da atitude da filha e resolveu deixá-la de castigo na torre  
do palácio. E não é que o que parecia um castigo  
se revelou uma baixa sorte?

Não deixe de acompanhar as peripécias da princesa  
de Ana Maria Machado, essa menina nada maria vai com as  
outras que surpreendeu todo o reino com suas escolhas.

ISBN 978-85-7962-134-5



9 788579 621345

